

**O HIPERTEXTO E A NÃO LINEARIDADE TEXTUAL COMO AGENTE
FACILITADOR DA APRENDIZAGEM**

Angélica Ilha Gonçalves¹

Guilherme da Silva dos Santos²

Maria Tereza Nunes Marchesan³

“A quebra da linearidade é uma característica da disponibilização de todo hipertexto. (Denise B. Braga)”

RESUMO

No cenário moderno, com a incorporação das tecnologias da Internet à educação, o hipertexto apresenta-se como um recurso de significativa importância no desenvolvimento da aprendizagem. Considerando esta perspectiva, o presente trabalho tem por objetivo discorrer sobre o modo como este recurso atua como um agente facilitador da busca pelo saber. Por hipertexto, entende-se uma “forma dinâmica e flexível de linguagem que dialoga com outras interfaces semióticas, adiciona e condiciona à sua superfície formas outras de textualidade” (XAVIER, 2010, p. 208). Sendo assim, um hipertexto é um texto inserido num apoio virtual que possibilita a leitura de outros textos a partir dele. Em outras palavras, é um “texto dentro de outro texto”. Dessa forma, o hipertexto possibilita ao leitor o dinamismo de estar inserido em várias discussões acerca do seu tema de estudo, proporcionando uma interação diferenciada entre aluno e texto, o que pode tornar a aprendizagem mais acessível e fácil. Por outro lado, do leitor que utiliza o hipertexto como fonte de leitura é exigido um esforço no tangente a atos inferenciais, devido a sua não linearidade, sendo necessário que o participante seja mais ativo nesse processo.

Palavras-Chave: Hipertexto. Texto. Leitura. Aprendizagem.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O uso de suportes midiáticos aliados a ações educacionais tem tido um crescimento substancial no cenário educativo. Essa característica demonstra que tais recursos tendem a se desenvolver e a se aperfeiçoar, sendo necessário atentar para uma constante atualização do profissional envolvido nesse novo sistema para que ele consiga avaliar e analisar a variedade de ferramentas que tem surgido.

Por outro lado, as transformações tecnológicas e sociais ocasionaram uma mudança de perfil dos alunos que chegam às escolas. Atualmente, com a crescente utilização dos meios digitais pelos discentes, a aprendizagem desenvolve-se de maneira diferenciada, pois um número considerável das informações adquiridas pelos estudantes emana de outras fontes que não a escola.

Nesse meio digital, os alunos encontram uma grande quantidade de textos, organizados de maneira diferente do texto tradicional impresso. Esse é o caso do hipertexto que tem representado uma mudança na maneira como são realizadas as leituras. Apesar dos textos tradicionais remeterem a um hipertexto, devido à quebra da linearidade em capítulos e notas de rodapé, por exemplo, o caráter não linear é maior e mais frequente quando se trata de textos em formato digital.

Segundo Leffa (2008, p. 170), o hipertexto tem sido definido como uma maneira de organizar referentes textos seguindo um determinado critério de relacionamento entre eles. Na sua versão primitiva, “constava de um texto inicial com palavras-chave que remetiam a outros textos, que por sua vez também continham palavras-chave que também remetiam a outros textos e assim sucessivamente até esgotar todas as possibilidades”.

É nesse quadro que se encontram os alunos da atualidade, imersos em um “oceano” de informações. Considerando este contexto, o presente trabalho tem por objetivo discorrer sobre o modo como este recurso atua como um agente facilitador da busca pelo conhecimento, desde que utilizado de maneira adequada.

Para isso, as próximas seções abordarão questões relacionadas às novas formas de usar a linguagem. Em um primeiro momento, serão analisadas as relações entre tecnologia e escola e a necessidade de uma adaptação para a melhoria do processo educativo. Em seguida, será apresentado o histórico do hipertexto, assim como as noções que surgiram a partir desse termo. Por último, será abordada a característica fundamental dessa forma de texto, a linearidade e como este traço pode ser um agente facilitador da aprendizagem.

NOVAS TECNOLOGIAS E EDUCAÇÃO: ADAPTAÇÃO NECESSÁRIA

O desenvolvimento tecnológico foi responsável por uma série de mudanças na sociedade, especialmente em suas formas de comunicação. Essas transformações também podem ser percebidas no contexto educativo, pois a comunicação *online* é utilizada, em muitos casos, para impulsionar a aprendizagem. Dessa forma, novas maneiras de propiciar o processo educativo são criadas.

[...] A era da comunicação on-line está vinculada a uma nova revolução, que é centrada no controle da informação, do conhecimento e das redes de comunicação. Esta nova estrutura social, onde o crescimento da produção e da economia está cada vez mais atrelada à ciência e tecnologia e à qualidade e gerenciamento da informação, tem propiciado a emergência de formas de comunicação e estilos de vida bastante diferenciados. (BRAGA, 2010, p. 173)

Nessa perspectiva, as práticas sociais ocasionaram mudanças significativas nas práticas de leitura, pois o uso do computador possibilitou uma interatividade diferenciada com o texto. Essa interatividade pode ser compreendida se for considerado o contexto tecnológico que oportunizou essa construção textual. Assim, o desenvolvimento dos recursos técnicos “permitiu que o computador passasse a ser utilizado como uma ferramenta excepcionalmente eficiente para estocar e recuperar diferentes tipos de informação” (BRAGA, 2010, p. 177).

A interconexão entre os computadores viabilizou o acesso de usuários às diversas informações. Entretanto, foi a internet que intensificou essas possibilidades, pois com os *links*, presentes em textos virtuais, o leitor passou a realizar outras leituras, encontrando diferentes informações. “A segmentação do texto em unidades menores interconectadas foi uma alternativa para contornar os limites impostos pela tela [...]” (BRAGA, 2010, p. 178). É nesta perspectiva que se encontra o hipertexto.

Segundo Xavier (2010, p. 207), um aspecto pouco abordado pela linguística brasileira “tem sido as possibilidades de mudanças nos processos de leitura por causa do uso intenso das novas tecnologias de comunicação, especialmente o hipertexto on-line”. Essa forma textual recupera em sua essência o que já é explorado em textos impressos. Assim, é possível dizer que o seu surgimento, apesar de ser relacionado com o desenvolvimento tecnológico da atualidade, começou muito antes disso.

A recepção não hierárquica do texto não chega a constituir uma revolução radical implantada pelo hipertexto, haja vista que as notas de rodapé, índices remissivos, sumários e divisão em capítulos encontrados nos livros tradicionais também oferecem ao leitor caminhos alternativos a serem trilhados. Eles podem levar os leitores a fazerem quebras na linearidade da leitura. (XAVIER, 2010, p. 213)

Apesar de não ser algo recente, pode-se dizer que a organização do hipertexto convida o leitor a uma nova forma de interação caracterizada pela quebra da linearidade. No entanto, isso não significa que o hipertexto “seja um conjunto de enunciados justapostos aleatoriamente, um mosaico de frases randômicas” (XAVIER, 2010, p. 213).

Os diferentes *links* utilizados na constituição de um hipertexto apresentam significados que integram a construção do sentido textual, não sendo independentes. “O texto não sendo mais apresentado como um ‘todo’ que tem começo, meio e fim, exige que o usuário, durante sua leitura, explore o conjunto de opções disponibilizadas pelos *links* e construa uma conexão coerente entre elas” (BRAGA, 2010, p. 183).

É nessa realidade que se encontra o aluno da atualidade, imerso em muitas informações e possibilidades de aprendizagens. Em vista disso, é

necessário que a escola se preocupe com a formação de leitores para esse novo meio. Por esta razão, Braga (2010) acredita que a escola deva oferecer práticas pedagógicas que demandem o letramento digital.

Dessa forma, esse contexto precisa ser considerado pelos professores durante o processo educativo, não apenas por fazer parte do cotidiano dos alunos, mas também pelas possibilidades de ser utilizado como um auxílio para a aprendizagem e para o desenvolvimento de leitores autônomos.

HIPERTEXTO: BREVE PERCURSO HISTÓRICO DO TERMO

O termo hipertexto relacionado à virtualidade, pode ser descrito a partir de dois momentos distintos: um em meados dos anos 50 e outro na década de 80 do século passado. O primeiro momento diz respeito à primeira geração, a qual é representada pelo nome do matemático e físico Vannevar Bush (CAVALCANTE, 2010)

Em seu artigo científico intitulado “As we may think”, Bush foi o primeiro a descrever o hipertexto no ano de 1945, antecipando a ideia de seleção por associação em lugar de seleção por indexação.

Selecionar (um texto escrito, imagem ou som) **por associação** foi a idéia motriz de Vannevar Bush, matemático e físico a quem se atribui o protótipo do hipertexto. É como se uma **rede neural fosse** materializada em termos mecânicos. Bush idealizou um dispositivo denominado *Memex*, que seria capaz de criar ligações entre uma dada informação e outra, independentemente de qualquer classificação hierárquica. A ideia foi divulgada em 1945, no célebre artigo “As we may think”. [KOMESU, 2005, p. 88, (destaques do original)]

A proposta que o matemático-físico apresentou com o *Memex* foi a de criar um reservatório de documentos capaz de suportar, ao mesmo tempo, textos escritos, imagens e sons. Segundo Bush (apud KOMESU, 2005, p. 89), o *Memex* era um dispositivo no qual um indivíduo poderia armazenar todos os seus livros, arquivos e informações, com velocidade e flexibilidade excelentes.

Entretanto, o termo *hipertexto* só surgiu nos anos sessenta com o pesquisador Theodor Holm Nelson, dos Estados Unidos. Komesu (2005) explica

que Nelson entendia o hipertexto como um conceito unificado de ideias e de dados interconectados editados em computadores. Seu ideal era construir um sistema de imensa rede acessível em tempo real, contendo todos os achados literários e científicos do mundo (LÉVY, 1993).

A ideia era de uma enorme biblioteca, mas com uma grande diferença: todos poderiam utilizar essa rede para escrever, interconectar-se, interagir, comentar os textos, filmes e gravações sonoras disponíveis nesse espaço, anotar os comentários, etc.. Embora inúmeros hipertextos já tenham sido elaborados, ainda não se chegou à amplitude imaginada por Nelson e outros pioneiros como Vannevar Bush. (CAVALCANTE, 2005, p. 200)

Já a segunda geração do hipertexto conta com a “incorporação dos recursos hipermediáticos e a popularização da informática e da Internet” (CAVALCANTE, 2010, p. 199). Essa geração apresenta como base de apoio os mesmos conceitos da primeira, porém o sistema apresentado pela tecnologia permitiu muito mais interação entre usuários e suportes midiáticos, envolvendo a criação de gráficos e animações. Nesta fase, que condiz com a atualidade, a preocupação centra-se na adequação das interfaces entre o sistema virtual e seus usuários. (CAVALCANTE, 2010).

HIPERTEXTO: A CONSTRUÇÃO DE NOÇÕES PARA O TERMO

A imersão da esfera tecnológica no contexto educacional leva à reflexões acerca do que são e como podem ser utilizadas as novas ferramentas virtuais. Nesse espaço, a ciência linguística concentra seu olhar em seu objeto de estudo, que segundo Cavalcante (2010), é o texto. Dessa forma, seu objetivo é questionar o funcionamento do texto no ambiente virtual; sua natureza e a disposição das informações. Nesse prisma midiático, os textos apresentam-se num espaço diferenciado do tradicional papel: eles estão exibidos por meio de suporte *hipertextual*.

Para Xavier (2010), essa nova ordem mundial, denominada *tecnocracia*, está sendo imposta com o advento da globalização e da informatização digital, em

que os discursos deverão se (hiper)contextualizar. Ao tratar sobre este aspecto, Xavier (2010, p. 208) refere-se ao hipertexto: “protocolo oficial da tecnocracia que, com todas suas idiossincrasias, nos coloca como desafio uma, no mínimo, diferente forma de abordar os materiais legíveis e, por conseguinte, interpretar o mundo”.

O hipertexto pode ser compreendido como “um conjunto de nós ligados por conexões. Os nós podem ser palavras, páginas, imagens, gráficos ou partes de gráficos, sequências sonoras, documentos complexos que podem eles mesmos serem hipertextos” (LÉVY, 1993, p. 33). Já na óptica dos estudos linguísticos, o hipertexto surge como a possibilidade de discutir a textualidade à luz de teorias textuais e também cognitivas, estando inserido em um veículo com especificidades próprias, como a internet (CAVALCANTE, 2010).

Na visão de Xavier (2010, p. 208), o hipertexto pode ser entendido como “uma forma híbrida, dinâmica e flexível de linguagem que dialoga com outras interfaces semióticas, adiciona e acondiciona à sua superfície formas outras de textualidade” (destaques no original). Entretanto,

o hipertexto não é um gênero textual nem um simples suporte de gêneros diversos, mas com um tipo de escritura. É uma forma de *organização cognitiva* e referencial cujos princípios constituem um conjunto de *possibilidades estruturais* que caracterizam ações e decisões cognitivas baseadas em (séries de) referências não contínuas e não progressivas. [MARCUSCHI, 1999, p.21 (destaques no original)]

Assim, o hipertexto constitui um suporte linguístico-semiótico, que atualmente é intensamente utilizado para estabelecer interações virtuais desterritorializadas (KOCH, 2002). Desse modo, a sua materialização se dá na presença de um apoio virtual para a concretização de seu constituinte característico: os *nós* ou *links*.

A visualização da arquitetura do texto virtual leva à compreensão do hipertexto como um mapeamento de associações possíveis entre textos. Isto é, a tessitura hipertextual funcionaria como uma representação das redes de sentido que estabelecemos na leitura de um texto qualquer. Os *links* seriam as representações dessas redes que o autor propositalmente apresenta ao leitor, como estratégia de marcar seu próprio percurso enquanto autor, seu estilo, sua história, seu lugar de

autoria, e delineando que caminhos o leitor pode perseguir nesta(s) sua(s) leitura(s). (CAVALCANTE, 2010, p. 203)

Dessa forma, o hipertexto pode ser considerado como um texto tecido no ambiente virtual. Este texto, por sua vez, apresentará algumas conexões – os *links / nós* – que automaticamente ao serem selecionados reportarão o leitor para um novo texto. Uma vez realizada essa ligação, o leitor visualizará outro texto, estabelecendo, por ele mesmo, a tessitura entre um e outro (CAVALCANTE, 2010).

Esses *links* geram expectativas diversas, que dependem de onde se situam. Eles são instrumentos interpretativos e não simples instrumentos neutros e ingênuos de relações constantes e estáticas (MARCUSCHI, 1999 p. 16). Essa interação entre textos que acaba sendo estabelecida produz uma leitura com acesso não linear. “A quebra dessa linearidade textual é uma característica de todo hipertexto” (BRAGA, 2010, p. 177), característica esta que será referência de discussão na seção que segue.

NÃO LINEARIDADE: UM TRAÇO DO HIPERTEXTO

De acordo com as elucidações teóricas de Komesu (2010), ao hipertexto são atribuídos alguns traços que o caracterizam como tal. Entre eles, a autora cita intertextualidade; multissemiótica; volatilidade; fragmentaridade; espacialidade topográfica e a não-linearidade⁴. Esta última característica pode ser considerada como o

traço principal do hipertexto. Trata-se de uma flexibilidade desenvolvida na forma de ligações permitidas/sugeridas entre nós que constituem redes que possibilitam a elaboração de vias navegáveis. De um ponto de vista da linearidade lingüística, entretanto, não há subversão na ordem sintagmática, fonológica ou textual. (KOMESU, 2010, p. 99)

Sendo assim, a não-linearidade não se caracteriza como um impasse à ordem dos conceitos sintagmáticos, fonológicos (não altera a regra ortográfica, a tônica silábica e a regra de acentuação das palavras) nem textual (o texto

continua com suas características de construção, por exemplo, pautado na norma culta da língua).

Segundo Xavier (2010, p. 213), na contemporaneidade alguns linguistas estão sendo desafiados a interagirem com essa revolucionária tecnologia de linguagem que “à medida que desafia os modelos de produção e compreensão de textos historicamente estabelecidos, também propõe outra alternativa para abordá-los e entendê-los”.

No entanto, é preciso considerar que o hipertexto rompe com a linearidade linguística que sempre constituiu o princípio básico da teorização da língua. “Nele, não se observa uma ordem de construção, mas possibilidades de *construção textual plurilinearizada*” (MARCUSCHI, 1999, p. 21).

Assim, o hipertexto concretiza a ação de transformar seu usuário em um leitor imerso nas principais discussões a respeito de um tema ou, caso ele prefira, possibilita a esse leitor adquirir apenas a primeira leitura que principia a discussão. Contudo, é necessário que o leitor realize inferências, tornando-se um participante ativo nesse processo, ação esta ocasionada pela não-linearidade.

Cabe salientar que “navegar em um hipertexto”, como sugere Lévy (1993), significa desenhar um percurso em uma rede.

A liberdade do leitor no hipertexto, por sua vez, não é tão infinita quanto parece. Para atingir seus objetivos, o leitor precisa percorrer determinados caminhos e rejeitar outros. Os *links* que o leitor de hipertexto vai encontrar não são infinitos, mas foram predefinidos pelo produtor daquele material e permitem que o leitor vá somente a alguns lugares determinados no texto e não a qualquer lugar que desejar [COSCARELLI, 2005, p.112 (destaque no original)].

Assim, a não linearidade não pode ser representada apenas pela mudança de um texto para outro a qualquer momento, sem pautar pela coerência entre o tema lido e o material utilizado como fonte de leitura. Nesse sentido, certamente, o leitor deverá disciplinar-se a ler apenas o que lhe convém.

Dessa forma, o hipertexto possibilita ao seu leitor o dinamismo de estar inserido em várias discussões acerca do seu tema de estudo, porém é preciso que ele saiba fazer as escolhas necessárias para que esta forma textual seja uma

facilitadora do processo de aprendizagem. Este será o tema-base de discussão na seção que segue.

O TRAÇO HIPERTEXTUAL COMO AGENTE FACILITADOR DA APRENDIZAGEM

Com o advento das novas tecnologias de informação agregadas ao contexto de ensino na esfera ocidental, muitos são os impactos que essas mudanças estão sinalizando para o modo tradicional de educar e de estudar. Atualmente, fazer referência à modernidade sem mencionar os aparatos virtuais é algo inconcebível. Esses aparatos do meio digital foram adaptados as diferentes instâncias do social, entre elas, o ato da leitura.

Segundo Braga (2010), assim como a era Gutemberg alcançou grande impacto na Revolução Industrial com a invenção da imprensa, a era da comunicação *on-line* está vinculada a uma nova revolução, que está relacionada ao controle da informação, das redes sociais e do conhecimento midiático.

Esse conhecimento tem sido desenvolvido através de ferramentas que possibilitam o processo de cognição. O uso dos computadores como suporte para o estudo tem oportunizado muitas mudanças na educação. A rigidez da sala de aula, em que há a limitação de tempo e espaço, está sendo acompanhada e, em muitos casos, substituída pela sala de aula virtual.

Para Zilberman (2009), os estudos mediados pela leitura de textos em ambiente virtual encontraram um vasto meio para difundir-se, uma vez que o espaço virtual não encontra barreiras para sua divulgação. Porém, a autora adverte que mesmo sem barreiras de exposição, cabe aos profissionais que utilizam o meio virtual, elencar critérios de seleção para tal material exposto a um público leitor e, também, é de responsabilidade do leitor (saber) selecionar o que lhe é útil nesse processo de aprendizagem.

É nesse sentido que se pode dizer que o princípio não linear de construção do hipertexto “pode tanto contribuir para aumentar as chances de compreensão global do texto, como também há o risco, e é bom que se diga, de essa falta de

linearidade fragmentar o hipertexto de tal maneira a deixar o leitor iniciante desorientado, disperso” (CAVALCANTE, 2010, p. 211 e 212).

Considerando a característica da não linearidade, é necessário atentar que o hipertexto exige que sejam tomadas escolhas por determinados caminhos, sendo essencial a participação do leitor na construção da coesão e da coerência. Assim, esta forma de texto desafia o *hiperleitor*⁵ desse meio pluritextual a adaptar-se ao meio que dele faz uso.

Acostumado, talvez, a folhear as páginas de alguns livros para obter informações, esse *hiperleitor*, agora desafiado, irá “navegar” por essa leitura, fazendo pontes conectoras por *clicks*. É nessa perspectiva que o leitor ativo deve organizar-se para trabalhar com o meio hipermediático, para não se afogar nesse “oceano de informações” (XAVIER, 2010).

Por esta razão, pode-se dizer que o hipertexto enfatiza o papel do leitor na arquitetura hipertextual, qualificando-o como aquele que responde de maneira ativa ao texto, ao passar a existir, a estar imerso a cada momento do ato da leitura (KOMESU, 2005). No contexto pedagógico, o hipertexto precisa ser construído de maneira a atender às necessidades dos alunos, estando de acordo com o nível em que o corpo discente se encontra. Dessa forma,

para atingir um número mais amplo de leitores e envolvê-los com essa tecnologia, será necessário disponibilizar hipertextos que sejam mais simples, intuitivos e acessíveis. É necessário adequar a construção do hipertexto às audiências e situações de leituras virtuais específicas, já que as formas de organização e base de conhecimento incorporadas ao hipertexto tanto podem orientar e interessar alguns leitores, quanto podem ser consideradas inúteis, entediadas, ou mesmo desorientar outros (BRAGA, 2010, p. 184).

Nessa construção de sentidos, o leitor deve pautar e saber selecionar o que necessita saber do *hipermaterial* de leitura para não afetar sua compreensão. No entanto, essa organização textual, não dependente de um eixo central que sustenta um conjunto hierarquicamente organizado de informações secundárias, “exige que o leitor faça escolhas e determine tanto a ordem de acesso aos diferentes segmentos disponibilizados no hipertexto, quanto o eixo coesivo que confere um sentido global ao texto lido” (BRAGA, 2010, p. 180).

Para que essas habilidades de seleção sejam desenvolvidas é preciso que o professor auxilie seus alunos a compreender o processo de produção e significação do hipertexto. Como já foi comentado por Xavier (2010), a nova ordem mundial instituiu aos leitores a necessidade de conhecimento dessa forma textual e, estando os alunos inseridos nessa realidade, tornou-se relevante a aprendizagem sobre como utilizar o hipertexto e realizar uma leitura adequada.

Para tanto, é preciso que o leitor estabeleça conexões coerentes entre o texto original e os demais que são apresentados pelos *links*. O fato das relações entre um e outro texto dessa(s) unidade(s) não estarem totalmente marcadas, não requer que seja vista como fator que dificulta a leitura e a aprendizagem por parte dos discentes.

Sendo assim, cabe ao docente proporcionar aos alunos o conhecimento de como organizar-se para a realização de leituras hipertextuais. Por outro lado, é preciso que os discentes exponham suas dúvidas e utilizem as informações que já possuem para contribuir e colaborar com seus colegas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O impacto das tecnologias tem gerado grandes mudanças nas formas de aprender e ensinar. É nesse quadro social, em que as mudanças tecnológicas ocorrem numa velocidade surpreendente, que se encontra o aluno da atualidade. Embora a situação não seja a mesma para todos os discentes, pois ainda há um grande número de pessoas sem acesso a informatização, o crescimento desse setor é notável.

Com tantas mudanças sociais, a escola não pode esquivar-se da responsabilidade de preparar seus estudantes a lidarem com essa realidade. Pensando nas transformações ocorridas na maneira de aprender e considerando que, em muitos casos, parte do letramento tem ocorrido por meio digital, pode-se dizer que é necessário que a escola passe a se preocupar com a formação de leitores para esse novo meio.

Para isso, é preciso que sejam oferecidas aos alunos práticas pedagógicas que demandem o letramento digital e também formem leitores autônomos (BRAGA, 2010). Dentre essas práticas, o trabalho com hipertexto tem sido visto como uma necessidade para os novos leitores.

Nesse sentido, o hipertexto entendido neste trabalho como um conjunto de nós ligados por conexões ou, ainda, como “uma forma híbrida, dinâmica e flexível de linguagem que dialoga com outras interfaces semióticas, adiciona e condiciona à sua superfície formas outras de textualidade” (XAVIER, 2010, p. 208), pode ser considerado como uma forma textual de grande importância na atualidade.

Entretanto, ao utilizá-lo em contextos educativos é preciso que os professores criem critérios de seleção para tal material exposto a um público leitor, considerando o nível em que se encontram, seus interesses e necessidades. Por outro lado, é preciso que o leitor aprenda a selecionar o que será útil para sua aprendizagem, tendo consciência dos objetivos que se pretende alcançar.

Sendo assim, a participação e colaboração do grupo (professores e alunos) são fundamentais para que o processo de ensino e aprendizagem ocorra de maneira satisfatória e para que esses novos gêneros emergentes possam ser trabalhados, compreendidos e desenvolvidos de maneira a contribuir para o conhecimento dos alunos.

EL HIPERTEXTO Y LA NO LINEALIDAD TEXTUAL COMO AGENTE FACILITADOR DEL APRENDIZAJE

RESUMEN

En el entorno moderno, con la incorporación de las tecnologías de Internet a la educación, el hipertexto se presenta como un recurso de gran importancia en el desarrollo del aprendizaje. Teniendo en cuenta esta perspectiva, este trabajo tiene como objetivo discutir cómo esta característica actúa como facilitador de la búsqueda del conocimiento. Por hipertexto, se entiende una "forma dinámica y

flexible de lenguaje que se dialoga con otras interfaces semióticas, adiciona y condiciona a su superficie otras formas de textualidad" (XAVIER, 2010, p. 208). Por lo tanto, un hipertexto es un texto insertado en un soporte virtual que permite la lectura de otros textos a partir de él. En otras palabras, es un "texto dentro de otro texto". De este modo, el hipertexto permite al lector la dinámica de insertarse en los distintos debates acerca de su tema de estudio, proporcionando una interacción diferenciada entre el estudiante y el texto, lo que puede hacer que el aprendizaje sea más accesible y fácil. Por otro lado, del lector que utiliza el hipertexto como una fuente de la lectura se requiere un esfuerzo tangente a los actos de inferencia, debido a su no linealidad, que requieren un participante más activo en este proceso.

Palabras-clave: Hipertexto. Texto. Lectura. Aprendizaje.

NOTAS

- ¹ Mestranda em Estudos Linguísticos pelo Programa de Pós-Graduação em Letras, da UFSM. Integrante do Centro de Ensino e Pesquisa de Línguas Estrangeiras Instrumentais (Cepesli). Bolsista do Cnpq-Brasil.
- ² Acadêmico do curso de especialização em Gestão Educacional – CE/UFSM, membro do Centro de Ensino e Pesquisa de Línguas Estrangeiras Instrumentais (Cepesli).
- ³ Prof^a.Dr^a. Ajunta do Departamento de Letras Estrangeiras Modernas (DLEM), da UFSM. Coordenadora do Centro de Ensino e Pesquisa de Línguas Estrangeiras Instrumentais (Cepesli).
- ⁴ Para uma leitura completa dos cinco outros traços do hipertexto, recomenda-se a leitura de KOMESU, Fabiana. Pensar em hipertextos. In: ARAÚJO, J.C; BIASI-RODRIGUES, B. **Interação na Internet: novas formas de usar a linguagem**. p. 98-102.
- ⁵ Termo utilizado por Xavier (2010).

REFERÊNCIAS

BRAGA, D. B. A comunicação interativa em ambiente hipermídia: as vantagens da hipermodalidade para o aprendizado no meio digital. In: MARCUSCHI, L.A; XAVIER, A.C. *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido*. São Paulo: Cortez Editora, 2010, p. 175-197.

CAVALCANTE, M. C. B. Mapeamento e produção de sentido: os links no hipertexto. In: MARCUSCHI, L.A; XAVIER, A.C. *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido*. São Paulo: Cortez Editora, 2010, p. 198-206.

COSCARELLI, C.V. Da leitura de hipertexto: um diálogo com Rout et alii. In: ARAÚJO, J.C; BIASI-RODRIGUES, B. *Interação na Internet: novas formas de usar a linguagem*. Rio de Janeiro: Ed. Lucerna, 2005, p.109-123.

KOCH, I.G.V. Texto e hipertexto. In: *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez, 2002, p. 61-73.

KOMESU, Fabiana. Pensar em hipertextos. In: ARAÚJO, J.C; BIASI-RODRIGUES, B. *Interação na Internet: novas formas de usar a linguagem*. Rio de Janeiro: Ed. Lucerna, 2005, p.87-108.

LEFFA, V.J. *Texto, hipertexto e interatividade*. Rev. Est. Ling., Belo Horizonte, v. 16, n. 2, p. 166-192, jul./dez. 2008. Disponível em:<http://www.leffa.pro.br/textos/trabalhos/Vilson_Leffa-Rafael_Castro.pdf>. Acesso em: 02 ago. 2011.

LÉVY, P. *As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática*. São Paulo: Ed. 34, 1993.

MARCUSCHI, L. A. Linearização, cognição e referência: o desafio do hipertexto. *Línguas e instrumentos lingüísticos*, n.3. Campinas, SP: Pontes, 1999b. p 21-45.

XAVIER, A.C. Leitura, texto e hipertexto. In: MARCUSCHI, L.A; XAVIER, A.C. *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido*. São Paulo: Cortez Editora, 2010, p. 207-220.

ZILBERMAN, Regina. A leitura no mundo digital. *Signo*. Santa Cruz do Sul, v. 34 n. 56, p. 22-32, jan-jun., 2009. Disponível em:<<http://online.unisc.br/seer/index.php/signo/article/view/960/681>>. Acesso em: 18 ago. 2011.

Recebido: 01 de setembro de 2011
Aprovado: 12 de dezembro de 2011
Contato: angellig@yahoo.com.br